

Formação em psicanálise.

Psychoanalytic educational program.

FLÁVIA DUTRA

RESUMO:

Este artigo pretende analisar alguns problemas frequentemente encontrados na formação em psicanálise. E, a partir da consideração dos obstáculos que tais problemas impõem, busca fundamentar uma direção possível para essa formação.

PALAVRAS-CHAVE: formação – tripé - formalização – transmissão impossível – investigação – responsabilidade

ABSTRACT:

This article aims to analyze some problems frequently found in psychoanalytic educational program. And, from the consideration of the obstacles that such problems impose, it seeks to support a possible direction for this formation..

KEYWORDS: formation – tripod – formalization –impossible transmission – investigation – responsibility

Para evitar as dubiedades de um tema tão amplo, devemos localizar com mais precisão à qual psicanálise nos referimos. O que se entende por psicanálise e por psicanalista é pré-condição na consideração da formação, que pode assumir distintas conformações, a depender da concepção desses temas. A psicanálise em questão, aqui, advém do modelo teórico de Lacan – a partir do qual pode-se depreender uma concepção específica de clínica e do tipo de formação que ela exige.

Na concepção de clínica de Lacan, analista e analisante existem em condição intervalar, num espaço cuja construção é, já, fruto de trabalho analítico. Trabalho que se impõe de saída – mais especificamente a partir do estabelecimento da demanda. A demanda não chega pronta, não deve ser confundida com a queixa; assim como o sujeito (tema) da análise não deve ser confundido com a pessoa que a busca. Como bem adverte Lacan,¹ o analista não lida com uma unidade, são dois em jogo: o indivíduo que chega e o sujeito em análise. Seria um equívoco confundi-los. Se ocorre de o inconsciente ser entendido como uma propriedade do indivíduo,

1 Lacan, J.(2010). *Seminário 20*. Aula 26/06/1973. Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana.

situado dentro de seu aparelho psíquico, esses dois (indivíduo e sujeito) já estão confundidos e partida, vigorando em unidade. Pode parecer um detalhe, entretanto é uma distinção fundamental, que tem amplas consequências – inclusive na formação em psicanálise.

Se analista e analisante se constituem naquele espaço intervalar, como dito, devemos concluir que o analista não se rende a uma categoria de ser, mas deriva da colocação em ato de uma função. A rigor, a questão não poderia ser pensada em termos de ser ou não ser analista: declarar “eu sou psicanalista” não faz da experiência em curso uma análise. Se considerarmos que o ato analítico só se confirma enquanto tal a partir de seus efeitos, como é que podemos afirmar, a respeito de uma experiência clínica ainda inicial, tratar-se de uma análise? Simplesmente porque quem a conduz é um analista? Seria um contrassenso. Mais que isso, postular análise e analista, já de entrada, seria negar ou anular, no mesmo ato, aquilo que se quer afirmar – ou seja: que “isso é uma análise, sou um analista”. Ao declarar isso, revelo desconhecer o estatuto do ato analítico e, conseqüentemente, não se tratar de uma análise, ali.

A concepção de análise e de analista, segundo Lacan, refuta a auto sustentação desses conceitos.

Uma análise acontece a partir de operações conduzidas por um analista. Opa! Então, quer dizer que há analista antes da análise? Sim, há alguém formado para o exercício dessa função, que precisa ser recriada a cada análise. A operatividade da função analista é confirmada a partir dos efeitos do ato analítico. É essa função em curso que possibilita a constituição do espaço intervalar de uma análise, assim como também da divisão do Sujeito.² Então, temos: analista e sujeito são frutos do trabalho de análise. Nem a análise, nem seu sujeito, nem o psicanalista estão postos. O analista precisa se colocar num determinado lugar para o exercício da função que opera o corte produtor do sujeito do inconsciente. O analista não opera com um sujeito dividido: o sujeito dividido é produto da análise. Um mesmo corte engendra sujeito e analista a cada experiência.

Em conformidade ao que foi dito há pouco, somos levados a concluir que tampouco podemos considerar o analista como uma unidade. Por um lado, há o psicanalista como função que faz operar uma análise e, por outro, o psicanalista enquanto papel social, uma profissão como qualquer outra. Declarar-se psicanalista funciona feito um localizador, situando alguém na sociedade a partir de seu ofício.

2 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

O modelo teórico freudiano, em contrapartida, é essencialista. O inconsciente – que existe dentro de cada indivíduo – tem um núcleo herdado filogeneticamente, razão pela qual o Édipo é um programa hereditário e universal. Se o paciente falar livremente, o inconsciente vai aparecer porque está dentro dele. Com o afrouxamento da censura, a qualquer momento pode escapar uma manifestação do inconsciente e o analista a captura, apontando a enunciação quando ela aflora no enunciado. Na concepção essencialista o inconsciente já está lá, cabe criar as condições para que apareça. Nesse modelo, é possível aquela formulação “eu sou psicanalista, então isso é uma análise”; ela não entra em choque com seus princípios fundamentais: o que um analista conduz é, necessariamente, uma análise.

Isto posto, podemos perguntar: em que consiste uma análise?

A análise não consiste em que alguém esteja liberado de seus sintomas [...] A análise consiste em que se saiba porque se está enredado nisso [...]³

A análise consiste em saber. O saber é uma articulação significativa e, assim como produz sintoma, pode produzir também sua liberação.

Passo seguinte: se a análise consiste em saber, o analista corresponderia ao sujeito suposto saber, certo? Claro, os defensores da intersubjetividade diriam: o analista é o sujeito suposto saber por um outro sujeito: o analisante!

Aqui, o levitante da intersubjetividade mostrará sua finura ao indagar: sujeito suposto por quem, senão por outro sujeito? Uma lembrança de Aristóteles, uma pitada das categorias, por gentileza, para desenlamear esse sujeito do subjetivo.⁴

Lacan não nos poupa de sua ironia transbordante: vamos tirar a lama da subjetividade desse sujeito que não tem nada de subjetivo. E ainda: um sujeito não supõe nada, ele é suposto. O sujeito é o suposto. Suposto pelo quê? Pelo significativo que o representa para outro significativo.

Considerando que o saber é uma cadeia de significantes, concluímos que se há saber, há sujeito (suposto). E isso não tem nada a ver com a pessoa do analista.

3 Lacan, J. *Seminário 25*. Aula 4 10/01/1978. Versão de Ricardo Rodriguez Ponte para a E.F.B.A. (Tradução nossa).

4 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. P.253. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

... embora a psicanálise consista na manutenção de uma situação combinada entre dois parceiros [analisante e analista], ela só pode se desenvolver ao preço do constituinte ternário, que é o **significante introduzido no discurso que se instaura, aquele que tem nome: o sujeito suposto saber... Temos de ver o que habilita o psicanalista a responder a essa situação que percebemos não envolver sua pessoa.** [...] Isso não autoriza o psicanalista, de modo algum, a se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois o que se trata é do quê ele tem de saber.⁵

O sujeito suposto saber é o significante introduzido no discurso que se instaura a partir de uma situação combinada entre analista e analisante. Não se trata da pessoa do analista. Ainda que a princípio esse equívoco se coloque, para o curso de uma análise é necessário desfazê-lo.

E o que é mesmo que o psicanalista tem que saber? O que ele tem de saber é o que lhe permite formular a hipótese com a qual trabalha, a saber, seu sujeito. A noção de sujeito para Lacan tem o estatuto de uma hipótese. Dizer que há um sujeito quer dizer que há uma hipótese. Insistindo em miúdos: o sujeito é uma hipótese. O que o analista tem que saber é o que lhe permite operar logicamente com o texto clínico. O saber é textual e a análise corresponde a um trabalho de leitura e escrita com o texto clínico.

A finalidade do ensino de Lacan é, declaradamente, fazer psicanalistas à altura da função sujeito.⁶ A análise pessoal seria insuficiente para produzir esses analistas. Por esta razão, Lacan se dedicou à chamada reforma do entendimento e assumiu a tarefa de comprometer os psicanalistas com o mesmo empreendimento. Tal reforma exigia a subversão do conceito vigente de sujeito, o que implicava em considerar o sujeito como efeito do significante. E Lacan é radical em relação a isso, quando afirma que só é possível funcionar no campo psicanalítico outorgando ao sujeito um estatuto correto⁷ – que seria, justamente, considerar o sujeito como efeito do significante. Não é possível aceder ao inconsciente estruturado de outra maneira. Sua ideia era refazer o questionamento de Freud a partir desta subversão.⁸ É disso que trata a clínica, para Lacan: questionar os conceitos freudianos, com a pré-condição de considerar o sujeito como efeito do significante.

5 Ibidem.

6 Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. In *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

7 Lacan, J. (2008). *Seminário 16*. Aula, 8/01/1969. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

8 Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Isto posto, podemos perguntar: o que cabe a um analista? Ou: o que é de sua responsabilidade? O analista é responsável pela concepção de sujeito que propõe⁹ e é esta concepção que sustenta sua prática. Destaco a responsabilidade do analista em dois aspectos:

1) Na reforma conceitual. A começar pela concepção de sujeito, carregada que está pela aceção do senso comum, assim como pelo senso comum psicanalítico, em que sujeito se equivale à agência e ao eu¹⁰ e cuja consequência – não menos problemática – é equivalência entre ato e ação.

2) Na formalização do ato analítico. O analista é responsável pelo que estabelece como o sujeito em cada análise e por dar conta do que faz na clínica.

Se os analistas somos responsáveis pela concepção de sujeito que propomos e se consideramos o sujeito como uma hipótese, onde apoiar essa hipótese? Na teoria. A hipótese sujeito é determinada pela teoria.

A formação

Freud propôs um modelo de formação ancorado num tripé constituído pela análise pessoal, pela supervisão e pelos estudos teóricos. Não me deterei numa análise detalhada desse tema, que presumo ser bem conhecido de todos, tendo em vista que a formação nas instituições psicanalíticas tradicionalmente se baseia nesse tripé. Apenas destaco os aspectos fundamentais dessa proposta para avaliar a pertinência de sua sustentação na formação em psicanálise.

A formulação do tripé aparece, pela primeira vez, no texto “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (1919). É também a primeira vez que surge a palavra “controle” para designar a supervisão. Palavra bem sugestiva porque denota a preocupação de Freud com a preservação de seu legado, através do controle de sua descendência. Foi a partir da fundação a Policlínica de Berlim que se estabeleceu a supervisão como necessária aos novos analistas. E ela foi tornada obrigatória por Max Eitingon em um congresso da IPA (instituição fundada por Freud) em 1925. Nessa ocasião, a supervisão se tornou uma obrigação institucional. Em um relatório sobre as atividades da Policlínica de 1920, Max Eitingon afirma o seguinte:

9 Lacan, J.(1998). A Ciência e a verdade Op.Cit.

10 Trabalhei o tema no artigo “Sujeito e responsabilidade” publicado na Revista *El rey está desnudo*, n.8. <https://elreyestadesnudo.com.ar/portfolio/el-rey-estadesnudo-n-8/>

Confiamos aos estudantes que já estão avançados nos estudos teóricos e em sua análise pessoal um ou dois casos [...] que convêm a iniciantes. Por meio de anotações detalhadas que eles devem redigir, seguimos rigorosamente as análises e podemos detectar facilmente uma quantidade de enganos que o analista iniciante comete.¹¹

O analista experiente não os cometeria?

Nós protegemos os pacientes que são confiados aos iniciantes pelo controle que exercemos sobre seus tratamentos e estando sempre prontos a retirar o caso do estudante para continuar nós mesmos o tratamento [...]. Podemos então estar igualmente satisfeitos pelo lado formador de nossa Policlínica [...].¹²

Indicativo do que estava em jogo na transmissão: zelar pelo legado de Freud e pela boa prática, através da formação controlada.

Conrad Stein, em 1985, num colóquio sobre o tema, pergunta se as coisas mudaram desde 1920 até então. Foi um colóquio bem importante sobre a supervisão, reunindo psicanalistas expressivos da época, em que o uso do termo controle foi extensamente discutido e criticado. Creio que ali foi seu funeral – o do termo, não o de sua significação, que sobrevive na ideia da supervisão.

Outro pé do tripé, além da supervisão, é a análise pessoal, lugar consagrado da transmissão na tradição do freudolacanismo.

Porque a análise pessoal assumiu essa dimensão fundamental, prioritária, compulsória, na formação? “A formação do analista se dá no divã” – provavelmente já escutaram o chavão. Que a experiência da análise seja colocada como compulsória para quem quer se tornar psicanalista, se traduz num impasse, justo porque uma análise depende do desejo de quem a demanda.

Para Freud o real é a substância viva do corpo biológico de onde derivam as pulsões, sensações, vivências, que só passam à palavra parcialmente. A teoria descreveria esses fenômenos dispostos num alinhamento cronológico. A sensação, a experiência, vêm antes da

11 Stein, C. & outros (1992). Em que lugar, em que enquadre, para que fins falar de seus pacientes? In *A supervisão na psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Escuta. p. 20.

12 Ibidem.

palavra – que as recobre deficitariamente. Essa concepção tem como consequência a promoção da experiência da análise à condição fundamental, prioritária e de maior relevância que os outros dois pés do tripé na formação do analista. O real, para Freud, tem um substrato biológico, invariável. Assim é entendida a pulsão: substrato irreduzível do sintoma, que persevera na constância da sua força. Eis o essencial.

Lacan, ao contrário, propõe a gênese como discursiva, e o Real como o impossível lógico matemático, proveniente das ciências formais – incorporadas por ele ao saber da psicanálise. O vetor do ensino de Lacan vai do dizer ao ser – como indica o seu falasser – contra o viés biologizante. Em linha com essa ideia, temos que a teoria cria a prática. Sentido epistemológico a contrapelo da teoria freudiana. Assim, a clínica psicanalítica advém de uma hipótese teórica. Consequência disso é que a análise pessoal não se sobrepõe à formalização teórica na formação em psicanálise.

A teoria freudiana, por sua vez, é representacionalista, consequência de seu essencialismo. O representacionalismo cai por terra com o conceito de significante de Lacan, que também abole a noção de essência.

Universitas litterarum era a proposta de Freud para a formação teórica que, além da literatura, englobava o estudo de história, mitologia e religião.¹³

Para elevar a análise pessoal à condição de farol da formação, também contribuiu a ideia da impossibilidade da transmissão, apoiada em dois pilares, pelo menos:

1) A preocupação de Freud com a manutenção integral de seu pensamento foi crucial na formação de um grupo de jovens psicanalistas – herdeiros do legado de Freud – cuja missão era zelar pela manutenção de suas ideias. Esse grupo, que se transformou na IPA, nasceu sob a égide do controle. A psicanálise estava fadada a não poder mudar – como usualmente acontece com as ciências –, destinada assim a se confirmar como uma mitologia. Esse traço de origem da instituição psicanalítica deixou uma aura de ocultismo em relação à transmissão e à formação, que ficou marcada pela crença na precariedade da teoria – justamente de onde vinha a ameaça de mudança – incapaz de dar conta da tarefa. A formação em psicanálise ficava subsumida à transmissão de uma práxis, através de uma práxis, à qual o candidato à formação teria que se entregar para estar à altura do legado, para aceder à sua verdade; passando, com o acúmulo da experiência, a responsável por sua preservação e transmissão.

13 Freud, S. (2014). A questão da análise leiga. In *Obras Completas*. Vol. 17. São Paulo: Companhia das letras.

2) A ideia ultra disseminada pelo freudolacanismo sobre o “impossível de transmitir”.

Transmitir é desejar transmitir e encontrar um impossível de transmitir.

Transmitir é transmitir o impossível de transmitir.¹⁴

Tal ideia tem como uma de suas fontes mais prolíficas a seguinte declaração de Lacan no encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris:

Eu, devo dizer, me indaguei sobre isso,

O assunto referido, explicitado no parágrafo anterior de sua fala, é a pergunta sobre o que acontece numa análise. O que faz com que depois de ter sido analisante alguém se torne psicanalista? Sigo com a citação:

... e é por isso que fiz minha Proposição, aquela que instaura o que chamamos o passe, em que confiei à alguma coisa que se chamaria transmissão, se havia uma transmissão da psicanálise.

Tal como agora chego a pensar, a psicanálise é intransmissível.

Refere-se à análise pessoal e a transmissão dessa experiência através do dispositivo do passe.

É bem chato que cada psicanalista seja forçado –pois é preciso que ele seja forçado– a reinventar a psicanálise.”¹⁵

14 Porge, E. (2009). *Transmitir a clínica psicanalítica. Freud, Lacan, hoje*. Campinas S.P: Editora Unicamp. p. 54.

15 Lacan, J. (1979). *Lettres de l'École*. N° 25. Versão em português da APPOA. Disponível em: https://apboa.org.br/correio/edicao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222

A pergunta de Lacan se dirige à análise pessoal, à análise do analista. Pretende saber como se transmite o que se passa aí. Parece ser intransmissível. Não se refere ao corpo teórico da psicanálise. A declaração de que a psicanálise é intransmissível acabou ganhando grande abrangência: se o suprasumo da psicanálise reside na experiência analítica e ela não se rende facilmente à transmissão, então a psicanálise é intransmissível. Para saber em que consiste uma análise é necessário analisar-se. Considerar a psicanálise como impossível de transmitir pode levar o analista a se desobrigar da formalização de seu ato, assim como a se desobrigar de estudar, investigar, pesquisar – afinal, a teoria não deve servir para muita coisa, tendo em vista que jamais alcança a verdade fundamental da experiência, o cerne da coisa. A teoria ganharia alguma relevância e sentido porque tentaria comunicar, representar, algo daquela experiência. Assumindo um caráter informativo e não formativo. Segundo essa lógica, não seria possível entender o Real, ou o objeto *a*, ou qualquer outro conceito, sem passar pelo divã.

A pergunta de Lacan se desdobra:

Então, como pode que, pela operação do significante, existam pessoas que se curam?”¹⁶

A pergunta é pela forma. A forma pela qual a operação significante pode produzir uma cura. Convoca os psicanalistas à formalização do ato analítico e seus efeitos.

A essa altura cabe perguntar: sobre que base se assentaria a formação na psicanálise proposta por Lacan, se abríamos mão da estabilidade do tripé? Onde apoiar essa formação se abolirmos a pertinência do controle institucional e a condição *sine qua non* da análise pessoal?

Lacan parte de um diagnóstico, renovado o tempo todo ao longo de seu ensino. Diagnostica a degradação teórica dos psicanalistas, a degradação do progresso científico das instituições psicanalíticas; chegando à constatação do fracasso de seu ensino.

¹⁶ Ibidem.

Seguem algumas amostras da atualização do diagnóstico sobre o estado da psicanálise feito por Lacan ao longo de seu ensino:

O que considero o mais desejável é lançar uma voz de alarme que tenha, no terreno científico, uma significação muito precisa: que seja um chamado a uma exigência primordial no que concerne à formação do analista.¹⁷ (1957)

Atualmente a psicanálise está certamente no caminho de se tornar uma mitologia das mais confusas... Isto não quer dizer que o freudismo não caminhe por todas as partes. Vê-se suas manifestações absolutamente claras em toda classe de ciências humanas.¹⁸ (1957)

Segue afirmando, com toda a convicção, que o trabalho dos analistas está muito atrasado, a reboque:

Não se voltará a tomar a dianteira a menos que haja gente suficientemente formada para fazer o que necessita qualquer trabalho científico, qualquer trabalho técnico; qualquer trabalho em que o gênio pode abrir um sulco, requer em seguida um exército de trabalhadores para recolher a colheita.¹⁹ (1957)

Propõe a teoria como direção da formação:

Drama cotidiano onde se lembra que este ensino, que a todos abre sua teoria tem como promessa a formação do analista.²⁰ (1966)

Relaciona os desvios e a pane na psicanálise com a hierarquia:

Existe uma solidariedade entre a pane ou os desvios mostrados pela psicanálise

17 Lacan, J. (1957). Entrevista ao jornal L'express em maio de 1957. (Tradução nossa).

18 Ibidem.

19 Ibidem.

20 Lacan, J. De um desígnio. In *Escritos*. Obras Completas versão digital. Psikolibro. (Tradução nossa).

e a hierarquia que nela impera –e que designamos com benevolência, como não de reconhecer, como a de uma cooptação de doutos.²¹ (1967)

A prática da psicanálise: seu objeto, seu objetivo e seu término,

...revelam-se inarticuláveis, após pelo menos meio século de experiência ininterrupta. Remediar isso [...] deve ser feito pela constatação da falha [...] longe de pensar em encobri-la. [...]

Os psicanalistas responderiam ao sentimento de que estão falhando com um enquistamento do pensar. Ou seja: não há reflexão sobre a falha.

... Eis onde nos demitimos daquilo que nos faz responsáveis, ou seja, da posição em que fixei a psicanálise em sua relação com a ciência.

... uma sociedade que só tenha fins científicos não precisa da regra de grado implícita na escola.²² (1967)

... a psicanálise está em toda parte, e os psicanalistas, em outro lugar.²³ (1971)

A psicanálise fica por demais à espera.²⁴ (1971)

A espera dos analistas, claro!

E os psicanalistas se desviaram na formação do analista.²⁵ (1971)

21 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro. Op. Cit. p. 250

22 Ibidem. p. 251.

23 Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 243

24 Ibidem. p. 244.

25 Ibidem.

Qual terá sido o desvio?

... essa definição do discurso analítico [...] não lhes parece combinar com as condições do consultório analítico.²⁶ (1971)

Freud inventou essa história, é preciso dizer, um pouco maluca que chamamos o inconsciente; e o inconsciente é, talvez, um delírio freudiano. O inconsciente, isso explica tudo, mas, como articulou muito bem um chamado Karl Popper, isso explica demais. É uma conjectura que não pode ter refutação.²⁷ (1978)

É clara aqui – e poderia ser tomado pelos psicanalistas como uma convocação – a necessidade de revisar o conceito de inconsciente de Freud.

Seu diagnóstico o leva a uma proposta – afirmada desde o início de seu ensino:

Certamente a formação do psicanalista seria inconcebível sem uma autêntica participação nas investigações que fundam as categorias da experiência analítica.²⁸

A experiência analítica é fundada pela investigação teórica – e não o contrário – num direcionamento científico. A constante revisão do estado da psicanálise é condição para que a psicanálise evolua.

Isto posto: seria pertinente continuar sustentando a transmissão como proposta de formação em psicanálise? É da transmissão de um *savoir faire* que se trata?

A transmissão consiste numa passagem aos descendentes: transferência geracional de um saber acumulado pela experiência. Trata-se da transmissão de uma práxis por uma práxis. Consequentemente, a análise pessoal ganha um protagonismo na formação, e tem como coadjuvante o atendimento a pacientes. A teoria espia das coxias, relegada à função de um

26 Lacan, J. (2009). *Seminário 18*. Aula 17/02/1971. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 58

27 Lacan, J. (1979). *Lettres de l'école freudienne*, n° 25. Op. Cit.

28 Lacan, J. (1977). Estatutos propuestos para el instituto del psicoanálisis, enero 1953. In *Escisión, excomunió, disolución. Escanción 1* (nueva serie) E.F.B.A. n° 7. (Tradução nossa).

veículo eficitário da transmissão do que se passa na cena. Não consegue fazer jus à práxis que pretende comunicar.

A concepção da formação via transmissão tende a levar quem recorre a ela a um estado de espera, uma passivação. Espera pela consumação disso que seria transmitido, até que, de repente: “cataplum”, um analista! Tal postura se opõe ao que é exigido por uma “autêntica participação nas investigações” que funda a clínica. É possível encontrar aí um desvio na formação: o desvio das investigações.

A transmissão – e os pressupostos sobre os quais se assenta – requer a “regra de gradus implícita na escola”,²⁹ o que contribui para a hierarquização da formação e a pane da psicanálise.

Por que, então, prevaleceu a hierarquia, o formalismo, em detrimento da investigação de orientação científica, nas instituições psicanalíticas?

De pronto arrisco um palpite, ou dois:

1º) o rechaço à intelectualidade, ao pensamento racional, que redundava em rechaço à teoria – diagnosticado por Lacan.³⁰

2ª) a busca por conforto dos “sapatinhos apertados”³¹ – assim se referia Lacan, debochadamente, aos candidatos a psicanalistas. Explico: seguir a formalidade institucional, com seus graus, hierarquias, nomeações, dá uma ideia de consistência à formação. A formalidade, que expõe a imaginarização da formação – daí consistência! como bem o imaginário saber fazer! – pode parecer atraente e asseguradora ao candidato a psicanalista. Então os sapatinhos – incomodamente apertados – podem sonhar com um número mais confortável ao admitirem os gradus, a hierarquia e a formalidade institucional; posto que um dia serão eles – os nomeados analistas – a calçá-los e a se encarregarem, por sua vez, da proteção do legado e de sua transmissão.

29 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro. p. 250 Op. Cit.

30 Trabalhei o tema no artigo “O rechaço ao pensamento” publicado na Revista *El rey está desnudo*, nº.12. <https://elreyestadesnudo.com.ar/portfolio/el-rey-estadesnudo-n-12/>

31 Lacan, J. (1998). A situação da psicanálise em 1956. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

A proposta geral do ensino de Lacan tem um direcionamento epistemológico e clínico: “partir de novo sobre um certo ponto, um certo terreno, como se nada tivesse sido feito.”³² Temos aqui uma convocação à reinvenção que cada analista teria que enfrentar; e não a reinvenção que viesse suplementar uma transmissão impossível.

É forçoso concluir que a formação em psicanálise está do lado da formalização e não da formalidade; da investigação e não da transmissão. Para Lacan, o pensamento se torna interessante quando é responsável, quando chega a uma solução o mais formalizada possível.³³ O psicanalista sem teoria é governado por referências por ele ignoradas.

Formalizar o ato analítico é uma reivindicação ética.

32 Lacan, J. (2006). *Meu ensino*. Op. Cit.

33 Ibidem.

BIBLIOGRAFIA

1. Freud, S. (2014). A questão da análise leiga. *Obras Completas*. Vol. 17. São Paulo: Companhia das letras.
2. Lacan, J. (1957). Entrevista ao jornal L'express em maio de 1957.
3. Lacan, J. (1977). Estatutos propuestos para el instituto del psicoanálisis, enero 1953. Em: *Escisión, excomunió, disolució. Escanción I* (nueva serie) E.F.B.A. nº 7.
4. Lacan, J. (1979). Lettres de l'École. Nº 25. Versão em português da APPOA.
5. Lacan, J. (1998). Ciência e verdade. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
6. Lacan, J. (1998). De um desígnio. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
7. Lacan, J. (1998). A situação da psicanálise em 1956. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
8. Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
9. Lacan, J. (2003). Ato de fundação. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
10. Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
11. Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
12. Lacan, J. (2008). *Seminário 16*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
13. Lacan, J. (2009). *Seminário 18*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
14. Lacan, J. (2010). *Seminário 20*. Aula 26/06/1973. Rio de Janeiro: Escola de Letra Freudiana.
15. Lacan, J. Seminário 25. Versão de Ricardo Rodriguez Ponte para a E.F.B.A.
16. Porge, E. (2009). *Transmitir a clínica psicanalítica. Freud, Lacan, hoje*. Campinas S.P: Editora Unicamp.
17. Stein, C.& outros (1992) Em que lugar, em que enquadre, para que fins falar de seus pacientes? Em Stein, C.A *supervisão na psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Escuta.

FLÁVIA GOMES DUTRA

Psicanalista sócia de APOLa

fgdutr@gmail.com